

A EDUCAÇÃO SEXUAL, A EAD, AS MÍDIAS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ADOLESCENTE

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Michele Garcia

Monique Delgado Faria

João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri

Gabriella Rossetti Ferreira

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

buscam entender a Educação Sexual, a EaD e a mídia como mecanismo de poder nos processos de subjetividade do adolescente em seu contexto escolar.

Silmário Batista dos Santos

Este trabalho parte da leitura de textos e concepção do conhecimento sobre o jovem e seu contexto escolar, trazendo como referencial a função de alicerce no trabalho, abordando comportamentos escolares e sociais, e como ela pode interferir no contexto escolar, proporcionando por meio de autores contextualizados na filosofia e educação, a busca de uma melhor compreensão e entendimento sobre a EaD e a mídia como mecanismo de poder no ambiente escolar. Portanto, este estudo busca contribuir para novos caminhos diante do desenvolvimento escolar do adolescente em relação ao poder que emana a EaD e o mecanismo midiático.

INTRODUÇÃO

Para compreender o que é educação a

distância, antes é necessário lançar um olhar na sua história. A EaD não é uma modalidade de ensino e aprendizagem nova, muito pelo contrário, há indícios da sua prática desde o século XVIII, com as experiências educacionais de um professor de taquigrafia chamado Caleb Philips, em 1728, publicadas em um jornal de Boston, Estados Unidos da América. Há registros de que em 1833 já havia as primeiras experiências com o ensino por correspondência. (ALVES, 2012; MAIA e MATTAR, 2007). Com o passar do tempo, a EaD vem adquirindo várias designações. Na França foi denominada de tele-ensino, como também ensino a distância. Em Portugal, é chamada de tele educação, na Alemanha, de ensino ou estudo a distância, na Espanha chama-se educação a distância, na Grã-Bretanha é efetivada na matriz de educação por correspondência. No Brasil, a maneira de se referir é educação a distância (EaD) que, de acordo com Maia e Mattar (2007), é educação, porque engloba os dois processos de ensino e aprendizagem, a educação a distância é um meio pedagógico de alcance potencializado e que depende da incorporação de tecnologias de comunicação e informação para atingir os seus êxitos educacionais, é uma modalidade de educação na qual professores e alunos encontram-se em locais diferentes durante

todo, ou grande parte, do tempo em que aprendem ou ensinam. Para sua efetivação, a EaD conta com um conjunto sistêmico de métodos organizados para servir estudantes que tenham interesse e maturidade para encarar uma forma que difere do modelo tido como convencional e que exige autoaprendizagem para a aquisição do conhecimento e para a finalização do curso. Esquemáticamente, há atributos próprios da EaD e que devem ser observados como: a) processo de comunicação realizado por meios de tecnologias de informação e comunicação; b) aprendizado programado e não eventual e c) Instrução em local diferente do local de ensino Moran (2002, p.1) pontua que a EaD é “Ensino aprendizagem onde os professores e alunos não estão normalmente juntos, fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a internet.” Assim, essa modalidade beneficia-se desses avanços dos meios de comunicação e informação para responder às demandas sociais vigentes. Apesar disso, ainda que haja as já citadas facilidades e demandas para o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, os números referentes à evasão nesse segmento educacional ainda são altos. De acordo com o censo 2014 da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), em todos os tipos de cursos de EaD o abandono identificado está na faixa de até 25%. O mesmo documento aponta que a falta de tempo para estudar ou participar do curso é apontada pela maioria das instituições como impulso para a evasão nessa modalidade. A inserção grandiosa da mídia nos possibilitou novas condições, parâmetros e meios para se comunicar, facilitando a aprendizagem e seu desenvolvimento no contexto escolar, mesmo que a escola ainda apresente certa resistência em integrar o universo midiático ao seu enredo e conduta.

Nas diferenças da tradição escolar, as exigências e olhares para uma nova educação diante da modernidade, se instaura a necessidade de estudar outras estruturas externas do âmbito escolar, tal como os recursos midiáticos que disseminam funções pedagógicas da modernidade devido às modificações em nossas intervenções de lugar, o tempo e a propagação de informações.

Atualmente, a escola ainda apresenta certa resistência em integrar o universo midiático, a educação sexual ao seu enredo e conduta, não conseguindo acompanhar a teia midiática. Será que neste modelo de escola em que vivemos, o aluno se sente sufocado e pressionado pelos padrões que a escola exige? Ou será que neste parâmetro a mídia se torna mais atrativa que a escola por estimular o adolescente a criatividade junto de pensamentos e ideias? A escola está deixando de ser interessante em razão desses meios midiáticos, repercutindo muitas vezes na violência e indisciplina.

A educação é uma área de fundamental importância para a sociedade e foco de discussão em importantes conferências realizadas em todo o mundo. Como parte da educação formal, a educação sexual deve permear discussões sobre a sexualidade no contexto escolar, devendo transcender a visão tecnicista e biologicista ainda bastante presente na vida das pessoas e nos currículos escolares. A sexualidade está presente na vida das pessoas, agrega aspectos individuais, sociais e culturais pautadas em

histórias, mitos, símbolos e experiências advindas da própria infância, e se exacerba principalmente, na fase da adolescência na socialização com amigos, família, mídia e escola.

A cultura escolar parece demonstrar que todos os alunos apreendem de maneira igualitária, na mesma sintonia, no mesmo tempo, carregando supostas neutralidades. A escola possui dificuldade em aceitar este indivíduo se apresenta com identidades constituídas a partir de experiências por diversas vezes se estremecem com tradições escolares, e uma grande articulação com os meios de comunicação.

Nesta perspectiva, torna-se importante para este estudo, verificar as relações discursivas que o adolescente faz para receber a EaD e a educação sexual como um mecanismo de poder, mesmo que o adolescente não tenha conhecimento sobre este ato, mas este se dispõe de diversas formas, em diversos lugares, a fim de saciar sua vontade por determinado conceito ou programa que a EaD e o círculo midiático apresenta, sendo neste processo de constituição do sujeito, constituição que se dá por meio das relações discursivas, relacionando na relação discursiva que, na visão foucaultiana, se exerce o poder.

A EAD, A EDUCAÇÃO SEXUAL E OS CONTEXTOS MIDIÁTICOS COMO MECANISMOS DE PODER

Analisar os contextos midiáticos e a educação sexual como mecanismos de poder que se insere no sujeito e ambiente escolar, é abrir as portas para o futuro, é relacionar e pensar em como existe a possibilidade de analisar e ter uma participação ativa nesta delicada relação de poder. Pois, será que este adolescente percebe o nível de poder que é exercido sobre ele através destes mecanismos midiáticos, internalizando-os e influenciando em sua subjetividade.

Deste modo, se desperta esta discussão, para que haja modificações paradigmáticas nas dimensões escolares correspondentes ao mundo da educação e comunicação, tornando-se necessário pesquisar e investigar mais sobre os parâmetros que relacionam estes dois grandes universos e como será este futuro escolar que se agrega ao contexto da informação, será um método educacional libertador, a fim de quebrar paradigmas já enraizados?

Portanto, busca-se compreender como trabalha com esse mecanismo midiático e como ele é visualizado pelo sujeito adolescente, disseminando valores de forma influenciadora no contexto escolar do sujeito, interferindo em sua vida, a fim de conhecer como incide a inserção do mecanismo midiático atualmente, em uma procura mais precisa sobre este novo modelo comportamental do adolescente persuadido pelo mecanismo mídia.

A propagação e constância na mídia sobre cenas de erotismo e a banalização do sexo que podem resultar na precocidade da iniciação sexual traz repercussões pessoais e sociais importantes, pois analisando seus comportamentos estes estão,

geralmente, em buscas de aventura e satisfação imbuídas de sentimentos intensos como desejos e paixões que podem deixá-los expostos à situações de vulnerabilidade. Estudos realizados com professores mostrou sobre a necessidade de promover intervenções no campo da promoção da saúde sexual e reprodutiva com escolares, considerando que a sexualidade envolve dimensões variadas de gênero, identidade sexual, reprodução, prazer, envolvimento emocional, prevenção e orientação sexual.

O filósofo Michel Foucault, nas questões sobre o mecanismo midiático e sua relação de poder mediante ao contexto escolar, a visão do panóptico que se assimila ao sistema de estudo aqui indicado, a produção de subjetividade apontada pelo autor e abrangência de conceitos que o mesmo dispõe; o pensamento de Pierre Bourdieu nas questões sobre a escola e que a mídia pode amparar ou modificar o sujeito, assim como as contextualizações de *habitus* e capital cultural. Apoiando-se também, nas pesquisas de Rosa Maria Bueno Fischer, que contribui para um aprofundamento nos estudos sobre as questões da mídia versus educação, relacionando a misticidade, a fantasia que o contexto midiático transmite para a criança e o adolescente, auxiliando ainda para uma melhor compreensão a respeito das teorias foucaultianas. A visão de Maria Luiza Belloni (2008) que se torna imprescindível para um direcionamento sobre o que é mídia, dispondo fatores tecnológicos na educação, como uma forma de efetivação do acompanhamento da escola perante as tecnologias de informação e comunicação. Todavia, acredita-se que estes estudos ajudem na utilização dos meios de comunicação como diretrizes das informações, difusoras do conhecimento, articulando ideias sobre a compreensão dos mecanismos midiáticos e sua interferência no contexto escolar e produção de subjetividade do sujeito adolescente.

O trabalho de pesquisa parte da leitura de textos e concepção do conhecimento sobre o jovem e seu contexto escolar. O referencial a ser utilizado tem função de alicerce no trabalho, abordando comportamentos escolares e sociais, e como isso pode interferir no enredo escolar, considerando o levantamento bibliográfico como um dos fatores primordiais para a construção do mesmo.

Com os dados de pesquisas primária e secundária, constitui-se um conjunto de informações favoráveis e relevantes para o trabalho a ser construído, com a proposta de analisar os dados a serem levantados, bem como as teorias que dão suporte a ela.

Compreende-se que a pesquisa quantitativa é relevante, mas a pesquisa qualitativa também é essencial neste trabalho, qualificando todos os conteúdos a serem abordados, não só na aplicação de questionários, mas principalmente a partir das pesquisas bibliográficas, referências conceituadas em educação e meios eletrônicos especializados.

Santos e Dinis (2016), já relacionam em seus estudos, que as mídias vêm demonstrando contextos de pesquisa qualitativa e quantitativa com considerada importância, sendo compreendidas como pontos de socialização, concepção e fortificação de identidades.

Deste modo, podemos observar que um método complementar o outro, o

qualitativo e o quantitativo, considerando que na pesquisa quantitativa, podem ocorrer falhas que, muitas vezes, não é visualizada, demonstrando que informações importantes podem ser ignoradas, resultando somente em um número impreciso. Pode-se ressaltar que a pesquisa qualitativa venha a contribuir e completar os dados a serem coletados, através de teorias e também das próprias respostas indicadas pelos discentes questionados.

A Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE) deliberou, que 20% da carga horária do Ensino Médio seja realizada a distância. Para alunos do curso noturno, a autorização chega a 30% e para a EJA (Educação de Jovens e Adultos), o texto permite 80% do currículo a distância. Na primeira versão, apresentada em março, o texto do CNE apontava para a possibilidade de 40% do Ensino Médio diurno ser ofertado a distância, e 100% da EJA. O percentual foi reduzido após repercussão negativa.

É importante ressaltar que a consulta pública foi feita com a versão do texto sem as substanciais modificações dos últimos dias e realizada entre e o período entre o primeiro e segundo turnos da eleição presidencial, quando as atenções da cidadania estiveram completamente voltadas para questões de natureza política. Até a resolução, a Educação a Distância não era regulamentada na Educação Básica, salvo em situações específicas. Somente as instituições de Educação Superior podiam ampliar a oferta de cursos superiores de graduação e pós-graduação à distância.

A Reforma do Ensino Médio, no entanto, aprovada no início do ano passado, abriu brechas para a regulamentação. No texto da reforma consta que “para efeito de cumprimento das exigências curriculares do Ensino Médio, os sistemas de ensino poderão reconhecer competências e firmar convênios com instituições de educação a distância com notório reconhecimento”.

O Ensino Médio é a etapa de conclusão do Ensino Básico. Ele é um elo entre o Ensino Fundamental e a educação superior. Esse curso na modalidade presencial tem a duração de três anos, com o mínimo de 800 horas e 200 dias letivos. Alunos que não tiveram a oportunidade de concluir essa etapa de ensino na modalidade presencial podem optar por fazer o Ensino Médio na modalidade da Educação a Distância (EAD).

Há instituições que oferecem esse tipo de ensino simultaneamente com o ensino profissional. Porém, existem regras, inseridas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), fixadas pelos Conselhos de Educação, para que as escolas possam oferecer o Ensino Médio à distância. Todas as instituições de ensino superior do país exigem que seus alunos tenham concluído o Ensino Médio para que possam ingressar em um curso superior das mesmas.

Com isso, o aluno deve verificar se a escola onde pretende fazer o Ensino Médio EAD é reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação, que verifica estrutura curricular, material didático, qualidade dos professores e instalações físicas.

BENEFÍCIOS DE CURSAR O ENSINO MÉDIO À DISTÂNCIA

Todos os alunos com idade acima de 14 anos podem fazer o Ensino Médio à distância. Porém, cada instituição define a idade mínima de matrícula do mesmo;

O tempo de conclusão do curso varia de acordo com o ritmo de estudo do aluno e de sua disponibilidade;

O aluno pode escolher onde, quando e como pretende estudar, e tem o controle total sobre sua programação de aulas e pode encaixá-las de acordo com sua disponibilidade. O Ensino Médio a distância tem a mesma qualidade de um ensino médio presencial, pois os professores dessa área são extremamente focados no preparo de um material didático que ajude o estudante a absorver o conteúdo com maior facilidade;

Após concluir o Ensino Médio o aluno obtém mais oportunidades no mercado de trabalho e pode dar início a cursos superiores em faculdades e universidades;

Educação de Jovens e Adultos (EJA). Paulo Freire é um dos autores utilizados para o embasamento de várias discussões no campo da EJA, especialmente aqueles relacionados ao contexto histórico e político; aos processos pedagógicos e à alfabetização. Vários outros autores, mesmo não tratando especificamente de EJA, são utilizados para estabelecer um diálogo com esse campo de pesquisa, é o caso das pesquisas sobre letramento que tem se ancorado na abordagem dialógica de linguagem de Mikhail Bakhtin e as de educação e trabalho, que tem se utilizado dos referenciais marxistas, tanto internacionais, tais como Antonio Gramsci, Friedrich Engels, Gyorgy Luckács e o próprio Karl Marx, quanto nacionais, sendo mais referenciados Moacir Gadotti e Paolo Nosella.

Reportando para o ambiente da Educação a Distância, constata-se que a EaD é um espaço privilegiado para a pesquisa, pois envolve um ambiente virtual de aprendizagem com tecnologias, material didático e aulas interativas, bibliotecas digitais e virtuais com base de dados atualizados e de acesso livre a banco de teses, artigos completos de periódicos publicados por instituições nacionais e internacionais. Vislumbro a EaD tal como Severino (2001, p. 80), ao afirmar que “a educação é um processo de autorrealização do sujeito, o desabrochar de suas potencialidades”. Nessa perspectiva, a educação a distância representa uma oportunidade para atualização, aprimoramento e formação dos sujeitos. Trabalhar com pesquisa na EaD é complexo, porque pode gerar confusão mental, havendo um “atolamento dos dados”, os quais não conseguem ser processados em informação. Majoritariamente, o aluno que frequenta os cursos em EaD, advém do ensino presencial, tem inúmeras dificuldades para se adaptar à nova modalidade de ensino, não é formado para ser um autoaprendiz, não tem o hábito da leitura e desconhece a metodologia adotada nessa modalidade. Além disso, geralmente, tem pouca ou nenhuma familiaridade com as tecnologias e não domina e/ou ignora os recursos ofertados pela internet na busca da informação, o que acaba por limitar seu acesso. Além disso, as tecnologias

disponíveis para a prática da pesquisa não são organizadas para o cenário da EaD. Esse ambiente demanda, além do domínio das TIC"s, conhecimento, por parte de seus usuários, inclusive professores, sobre estratégias de buscas (rastreamento, operadores, roteirização). A EaD pressupõe que o professor, especialmente quem ministra aulas de Metodologia da Pesquisa Científica, seja um exímio conhecedor das técnicas e métodos de recuperação da informação, pois é inviável ensinar aquilo que não se sabe. Na compreensão de Terezinha Rios, um professor deve possuir um conhecimento em sua área, dominar conteúdos específicos da ciência. Para articular esse conhecimento com a realidade em que vai atuar, necessita dominar determinadas técnicas e determinados métodos. Para ser professor, necessita, além de dominar os conhecimentos, ter uma determinada forma de atuação que permita que o conhecimento chegue a seus alunos (RIOS, 1997, p. 129). Percebe-se, porém, que o professor possui características teórico metodológicas ao atuar na modalidade EaD. Inicialmente, pelo fato que este vem de uma tradição acadêmica presencial, em que o ato de ensinar e aprender resulta na compilação de referenciais bibliográficos, com limitada reflexão na problematização de temas sobre a realidade. A mera transmissão de conteúdos caracteriza uma ação pedagógica isolada e unilateral, em que a possibilidade de construção conjunta do conhecimento, mediada pelas TIC"s, na complexidade de leitura da realidade, é substituída pelo uso de ferramentas de instrumentação e resolução de problemas, sejam elas de ordem funcional ou acadêmica. Assim, vê-se como necessário conhecer quais as razões que explicam a resistência e superação do professor de EaD, diante das novas TIC"s, para a construção de novas formas de ensinar e aprender. Em detrimento da dialogicidade, aqui entendida como interação e construção conjunta dos conhecimentos, os procedimentos, geralmente empregados na modalidade EaD, valorizam a exposição de temas sequenciais e o ambiente virtual de aprendizagem priorizando o cumprimento dos conteúdos programáticos. Dessa forma, as interfaces entre as disciplinas, em uma perspectiva interdisciplinar, tornam-se um dos grandes desafios metodológicos, diante da complexidade da sociedade do conhecimento na atualidade. A respeito da pesquisa interdisciplinar na educação, A respeito da pesquisa interdisciplinar na educação, Fazenda aponta que ela nasce de uma vontade construída na escola. Seu nascimento não é rápido, exige uma gestação na qual o pesquisador se aninha no útero de uma nova forma de conhecimento – a do conhecimento vivenciado, não apenas refletido; a de um conhecimento percebido, sentido, não apenas pensado – então, a ciência se fez arte. E o movimento que essa arte engendra é capaz de modificar os mais sisudos e tristes prognósticos para o amanhã, em educação e na vida (FAZENDA, 1997, p. 15). Nesse sentido, cabe aqui a seguinte indagação: qual é o lugar da pesquisa interdisciplinar e como realizá-la nos processos de formação pedagógica do educador em EaD? A dificuldade de organizar os materiais didáticos previamente elaborados, contemplando um conjunto de temas estanques do currículo mínimo dos cursos, pode ocasionar uma padronização cultural em que a atitude crítica no processo de formação se vê esvaziada diante do pouco

estímulo à problematização pela pesquisa. No entanto, urge a necessidade de produções textuais dialogadas, na dimensão freireana, em que o contexto do texto esteja contemplado na realidade sociocultural dos alunos e dos professores.

Dessa forma, a leitura de mundo tão proclamada por Freire precede a leitura da palavra, na ação conjunta da palavra mundo. Portanto, uma das dificuldades do educador em EaD é se aproximar textual e virtualmente da realidade, na aprendizagem de uma nova interlocução entre sujeitos que supere o academicismo, na construção de uma linguagem inteligente, problematizadora e reflexiva, que conduza o educando a diferentes formas de aprender. Diante dessas questões, pergunta-se: de que forma a pesquisa pode se tornar uma atitude cotidiana do professor e do aluno na modalidade EaD? Na EaD, a pesquisa é o ofício de educadores engajados em elaborar teorias e procedimentos para o ensino-aprendizagem. Entretanto, verifica-se, após consulta a publicações da Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed), Banco de Teses da Capes, da Revista Brasileira de Educação (publicação oficial da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – Anped) e periódicos hospedados na Biblioteca Eletrônica Scielo, que as produções sobre a importância do ato de pesquisar e de como o uso apropriado das técnicas e dos instrumentos de pesquisa no dia a dia, na modalidade EaD, têm sido pouco discutidas na literatura acadêmica. Assim, em busca da compreensão da realidade e na esperança de que essas reflexões ultrapassem o mundo das ideias, pois “pesquisar é perguntar, [é] incorporar-se ao desconhecido, é buscar domesticar a ignorância. Não é encontrar as respostas, mas melhorar as perguntas” (TOBAR; YOLOUR, 2001, p. 20), é que se definiu o problema de pesquisa.

O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos. (Paulo Freire).

Anastasiou (2004, p. 14), vai além do exposto e menciona que a apropriação do conhecimento pelo aluno deve ultrapassar o simples repasse da informação, é preciso se reorganizar, superando o aprender, que tem se resumido em processo de memorização, na direção do apreender, segurar, apropriar, agarrar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender e compreender.

As práticas de pesquisa têm demonstrado uma fragmentação do conhecimento. Acredita-se que isso se deve aos avanços tecnológicos que 33 possibilitam o acesso a tantas informações e, simultaneamente, se tem muito, mas pouco se conhece com propriedade. Assim, pode-se afirmar que, na maioria das vezes, o conhecimento fica reduzido ao senso comum. Isso se deve, em parte, à falta de clareza sobre a essência e/ou conceito de pesquisa por parte de professores, o que, conseqüentemente, acarreta uma orientação imprecisa aos alunos sobre o que é e como se faz pesquisa. Observa-se, ainda, que na formação do professor, a disciplina Metodologia da Pesquisa Científica tem sido, por muitas vezes, confundida com regras e/ou normas

de elaboração de trabalhos.

Isso indica que há falta de clareza sobre a relação essencial entre pesquisa e construção do conhecimento, que se revelam até mesmo na constituição dos ementários de cursos. Nessa perspectiva, tem-se observado, também, que há, por parte de instituições, docentes e acadêmicos, um descaso sobre a eficácia da disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica como uma das responsáveis pela construção e produção do conhecimento científico.

A Educação a Distância (EaD) no Brasil, tem bases estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), porém, tornou-se uma possibilidade de formação ou educação continuada a partir do Decreto nº 5.622/2005, posteriormente ratificado por outros Decretos (5.773/2006, 6.303/2007). Trata-se de “um conjunto de ações de ensino e aprendizagem que são desenvolvidas através de meios telemáticos como a Internet, a videoconferência e a teleconferência” (Barros, 2008, p.6). Caracteriza-se como tecnologia bidirecional, em que os alunos e professores estão física ou temporalmente separados (Aretio, 1987; Ministério da Educação e Cultura - MEC, 2014).

Menga Lüdke (1997, p. 115), em estudos sobre a pesquisa na formação do professor, sugere que aos docentes de futuros professores deveriam oportunizar-lhes contatos com pesquisas e pesquisadores “que não fossem meros repetidores de um saber acumulado e cristalizado, mas testemunhas vivas e participantes de um saber que se elabore e reelabore a cada momento, em toda a parte”. A vivência com pesquisadores que fazem da pesquisa a sua prática educativa e científica e não sejam repetidores de experiências passadas suscita no aluno, futuro professor, a autoconfiança em reconstruir conhecimento.

Rodrigues e Capellini (2012) analisaram a formação continuada em Educação Inclusiva na modalidade EaD, em uma amostra de 182 professores cursistas e destacam como positivo a possibilidade de atendimento a um grande número de alunos, em diferentes áreas geográficas. Barros e Reis (2009) reforçam a possibilidade inovar a estrutura de cursos, criando métodos de ensino e trabalhos colaborativos que contribuem para o desenvolvimento de competências diversas.

Maia, Reis-Yamauti, Schiavo, Capellini e Valle (2014) estudaram os relatos de 451 professores da rede pública de ensino que opinaram sobre a sexualidade do aluno com Deficiência Intelectual em um curso na modalidade EaD, destacando que essas propostas de formação continuada para educadores deveriam abranger a educação sexual.

Para Mostafa (2009), o tema sexualidade foi considerado o mais difícil de ser trabalhado na formação docente, pois os professores cursistas demonstravam desinformação e discutiam de forma genérica sobre preconceitos e estereótipos. Uma possível razão para isso são os valores pessoais dos professores, assim como o receio de que a família discorde da educação sexual ser ministrada na escola (Maia et al., 2014).

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997) discorre sobre a importância de incluir a educação sexual⁴ como tema transversal nos currículos, explicando qual o papel do educador e da escola na atuação educacional. Além disso, deixa claro que objetiva “promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como de pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade” (PCN, 1997, p.287).

Embora a inclusão da Educação Sexual como tema transversal proposto pelo PCN(10) a ser trabalhado desde 1996, após 15 anos nos deparamos ainda com fragilidades nas práticas pedagógicas dos professores nas diversas instituições de ensino. Retomamos a questão da prática do professor da educação básica em atender as recomendações das diretrizes do PCN, mas sabemos que possivelmente esta realidade seja resultado do processo de formação do professor. As questões relacionadas à sexualidade retoma a partir da década de 80 mediante as necessidades e preocupações em âmbito nacional de gestores, profissionais de saúde e educadores com o fenômeno da Aids.

Visando sistematizar ações para alcançar este objetivo, o MEC por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) fez uma parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UaB), integrando universidades públicas que oferecem cursos de nível superior priorizando como público alvo professores e outros profissionais que atuam na educação básica - servidores dos estados, municípios ou Distrito Federal.

Ressalta-se que a formação continuada do professor em educação sexual, torna-se ainda mais relevante, quando se constata que na graduação, em muitos casos, a grade curricular não contempla o conteúdo, o que gera uma prática pedagógica baseada na aprendizagem informal obtida pelo professor, seja pela família, religião, amigos e/ou mídia (Benites, 2006; Figueiró, 2001).

Considerando o exposto, esta pesquisa teve por objetivo levantar as propostas de cursos de formação em educação sexual, na modalidade EaD no Brasil. A escritora nigeriana Unoma Azuah ao revelar as pressões sociais e os medos que mulheres nigerianas lésbicas e bissexuais estavam submetidas, como a expectativa de precisar se casar e ter filhos, assédio sexual por parte de seus empregadores e ameaça de serem estropadas, aborda “these are not lesbian or bisexual issues, but the result of a much larger patriarchal structure” (AZUAH, 2011, P.57) Ainda de acordo com Unoma Azuah (2011, p. 46), tanto homens quanto mulheres são vitimado/as sob o sistema patriarcal e opressivo que reina na Nigéria, mas de maneiras diferentes. Para a autora a homossexualidade é um dos mais fortes desafios ao patriarcado e, portanto, há diversas estratégias de controle em relação a essa orientação sexual, a fim de reforçar o poder patriarcal. Nesse sentido, uma das maneiras pelas quais se combate a homossexualidade masculina é através das leis.

Referindo-se à questão da autonomia, Preti (2000) diz que a aprendizagem

individual na EaD é o “calcanhar de Aquiles” e que é necessário haver o envolvimento de ambas as partes, instituição educacional e aluno no processo de ensino e de aprendizagem. Portanto, a instituição ministrante do curso exerce papel decisivo no que vai definir o fracasso ou sucesso do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o acadêmico da EaD, e a formação do docente em Educação Sexual denota-se que autônomo significa reunir as habilidades técnicas e pedagógicas para estudar e pesquisar; dispor de insumos tecnológicos; ter hábito de pesquisa; superar a distância geográfica e a falta da presença física do professor e, principalmente, superar as próprias limitações. Além disso, autonomia para aprendizagem, como característica do aluno da EaD, é um processo de construção ao longo da vida acadêmica, seja ela presencial, a distância ou outra modalidade. É construção no sentido da agregação de pré-requisitos cognitivos, intelectuais e técnicos para estudar, administração pessoal, organização, habilidade técnica com a tecnologia, motivação e outros aspectos particulares necessários ao aluno. Entretanto, é de sua responsabilidade, também, o suporte particular de interação, especialmente computador e Internet. Ou seja, o material e o que for necessário para a sua dinâmica de estudo, inclusive o seu espaço particular dentro da própria casa, para os trabalhos acadêmicos. Todavia, a autonomia para aprendizagem na EaD não depende somente do aluno. Há de serem consideradas as condições externas a ele, ou seja, as questões alheias a sua vontade e providências para transformar as informações dos conteúdos em novos conhecimentos, novos saberes, novas posturas diante da realidade de cada aluno, por meio da tecnologia. Nesse aspecto, compreende-se que é onde reside o grande desafio da EaD, porque com a tecnologia o ensino e as informações pedagógicas podem chegar até o aluno. Contudo, há a necessidade de uma postura diferenciada de ambas as partes, aluno da EaD e ensino.

Ao finalizar este artigo, ressalta-se que não houve a pretensão de esgotar o assunto referente à autonomia para aprendizagem na EaD e aos fatores afetos a essa característica fundamental para o estudante da modalidade. O intuito foi destacar as evidências, as causas e os fatores que culminaram com os resultados em termos de evasão e de conclusão dos cursos. Respondendo ao objetivo geral da pesquisa, conclui-se que houve relação entre a autonomia para a aprendizagem e os resultados finais dos alunos, envolvendo os espectros que se considerou como estrutura de aprendizagem e estrutura de ensino.

REFERENCIAIS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Ensinar, aprender, aprender e processos de ensinagem. In: _____; ALVES, Leonir Pessate (Orgs.). Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: UNIVILLE, 2004. p. 11-38.

BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância. 5.ed. São Paulo: Autores Associados, 2008.

BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e as bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do

Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 2005. P. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5622.htm>. Acesso em: 15 maio. 2018.

BRASIL. Decreto nº 2.561, de 27 de abril de 1998. Altera a redação dos arts. 11 e 12 do Decreto n.º 2.494, de 10 de fevereiro de 1998, que regulamenta

o disposto no art. 80 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 27 abr. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2561.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2018.

BRASIL. Decreto nº 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e dá outras providências. República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 10 fev. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/D2561.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2018.

FAINHOLC, Beatriz. La interatividad en la educación a distancia. Argentina: Paidós, 1999. 172 p.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Sobre a arte ou a estética do ato de pesquisar na educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997. p. 11-15.

FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. O construtivismo e a educação. Porto Alegre: Mediação, 200.

LÜDKE, Menga. A pesquisa na formação do professor. In: FAZENDA, Ivani (org.). A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997. p. 111-120.

MAIA, C.; MATTAR, J. ABC da EaD: a educação a distância de hoje. São Paulo: Pearson Pretentice Hall, 2007..

MEC. Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância. DF, jun. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refEAD1.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2018.

PRETI, O. (Org.). Educação a distância: construindo significados. Cuiabá: NEAD/IE-UFMT; Brasília: Plano, 2000.

NOVAK, S. O problema da interação na era da aprendizagem autônoma: pressupostos epistemológicos da educação a distância na perspectiva construtivista. [Dissertação]. Porto Alegre, 2005.

NOVAK, S. Educação a distância e racionalidade comunicativa: a construção do entendimento na comunidade virtual de aprendizagem. [Tese]. Orientador: Sérgio Roberto Kieling Franco. Porto Alegre, 2010. 399 f.

PETERS, Otto. A educação a distância em transição. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, 400 p.